



ADIVAT – ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DO VALE DO TÁVORA

1. INSTALAÇÕES PROVISÓRIAS DA SEDE DA ADIVAT

A ADIVAT – Associação de Desenvolvimento Integrado do Vale do Távora foi fundada a 28 de junho de 2001, com o objetivo de constituir uma estrutura organizacional com recursos técnicos, que apoiasse o tecido empresarial local e regional, transversalmente às diferentes atividades económicas, mas com especial enfoque na agricultura, que continua a ser a força motriz da economia local e regional.

A ADIVAT desenvolve a sua atividade nos concelhos de Tabuaço, Sernancelhe, Penedono, Aguiar da Beira e Trancoso, sendo a agricultura regional maioritariamente familiar e de subsistência, com cada vez mais bons exemplos de agentes e explorações com dimensão, qualidade e produtividade na área da viticultura, fruticultura, olivicultura e produção de castanha.

A ADIVAT representa os seus associados perante entidades oficiais e outras organizações, assim como tem assento em instituições de representação coletiva ou de desenvolvimento local e regional. Contribui para o desenvolvimento do empreendedorismo e do tecido empresarial, pugna pelo aumento da

FICHA INFORMATIVA

[NOME]

ADIVAT – Associação de Desenvolvimento Integrado do Vale do Távora

[CONTACTOS]

Rua Abel Barradas Bloco B – r/c H
5120-398 Tabuaço
PORTUGAL

Telefone: +351 254 787 106
Telemóvel: +351 927 620 344
Email: geral@adivat.pt

rentabilidade dos agricultores e da sustentabilidade das suas explorações através de serviços de aconselhamento agrícola e florestal, elaboração de projetos, proteção e produção integrada e biológica, formação profissional, candidaturas a apoios e subsídios e avaliação imobiliária e mobiliária de máquinas, equipamentos e veículos.

Entrevista com Presidente da Direção da ADIVAT



2. LEANDRO MACEDO – PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA ADIVAT

O Sector Agrícola assume um peso importante na atividade económica da região. Quais são as principais atividades agrícolas na área de intervenção da Associação de Desenvolvimento Integrado Vale do Távora (ADIVAT) e como avalia o seu estado atual?

A ADIVAT tem um conjunto de técnicos muito bem preparados e que acompanham os nossos associados, que desenvolvem principalmente a produção de uvas para a Denominação Origem (DO) Porto, DO Douro e DO Távora-Varosa, a produção da maçã de montanha, a produção de azeitona em olival tradicional extensivo e em bordadura, assim como a produção de castanha. Também existem outras produções com potencial crescente, como a amêndoa e a baga de sabugueiro, que têm tido cada vez mais enfoque da nossa parte.

Todas estas atividades são de elevada qua-

lidade reconhecida e de grande potencial, faltando-nos uma maior valorização por parte dos agentes compradores, que remunerem devidamente os agricultores, para que possam permanecer na atividade, investir, melhorar as suas explorações e transmitir aos seus descendentes uma atividade difícil, mas compensadora, que permitisse a fixação populacional nestes territórios deprimidos.

Neste contexto, a ADIVAT desempenha um papel preponderante no apoio à atividade agrícola. Como caracteriza o papel desempenhado pela Associação na região?

Ao longo dos seus quase 20 anos, a ADIVAT, através do trabalho dos seus técnicos e com os recursos ao seu alcance, tem tentado contribuir para o aumento da rentabilidade dos agricultores e das explorações agrícolas e consequente melhoramento da qualidade de vida das suas famílias e maior dinamização económica local e regional. Somos uma associação com forte implantação nos territórios que cobrimos, tentando capacitar os nossos agricultores com as ferramentas normalmente indisponíveis a produtores de pequena dimensão, como o recurso ao aconselhamento agrícola e florestal, às boas e mais rentáveis práticas, aos subsídios do sector, a projetos capacitadores e a aconselhamento de financiamento às atividades. Também devido à sua dimensão e proatividade, a ADIVAT está representada em alguns organismos de representação dos interesses dos produtores, cujas políticas impactam diretamente nas suas atividades.

Que serviços a ADIVAT coloca à disposição de todos os seus associados?

A ADIVAT proporciona candidaturas às ajudas à atividade agrícola, elabora projetos agrícolas, florestais e turísticos, faz levantamentos de áreas para apoio à gestão agrícola e florestal, presta aconselhamento agrícola e florestal, proporciona a gestão dos processos de proteção integrada e biológica, presta serviços de formação, faz avaliações de imóveis e móveis, avaliação térmica de imóveis, assim como candidaturas e acompanhamento de projetos de próprio emprego e empreendedorismo.

Considera que as atividades agrícolas da região têm tido programas e instrumentos financeiros de apoio adequados e potenciadores do seu desenvolvimento no âmbito do Quadro Comunitário de Apoio?

Estamos quase sempre aquém do que é necessário para alavancar as atividades agrícolas da região. A título de exemplo, lembro a necessidade do apoio à recons-

trução de muros de pedra imprescindíveis à paisagem e às explorações vinhateiras da Região Demarcada do Douro; a necessidade de uma maior modernização do parque de equipamentos agrícolas, como os tratores e suas alfaias, para uma maior segurança dos operadores, para uma maior rentabilidade do seu trabalho, assim como de uma redução do seu impacto ambiental.

Como avalia o Programa VITIS?

O programa VITIS é uma ferramenta essencial na atividade vitivinícola da região, sendo responsável pela quase totalidade das operações de reconversão da vinha levadas a cabo, que têm elevados custos, pois obrigam a grandes operações de movimentação de terras em terrenos de forte inclinação, assim como de complexas redes de drenagem. Sem este programa, creio que a capacidade produtiva do Douro estaria seriamente comprometida e apenas acessível a meia-dúzia de operadores com maior capacidade e disponibilidade financeira.

As principais faltas de que enfermam este programa é, a nosso ver, a exigência das candidaturas agrupadas serem de grande dimensão (20 hectares), o que inviabiliza as candidaturas promovidas por Cooperativas ou produtores independentes, que se veem obrigados a integrar candidaturas de empresas de grande dimensão, com a correspondente obrigatoriedade da entrega da capacidade produtiva por 5 anos.

Outra das fragilidades que o Programa VITIS apresenta é a incapacidade de integração dos sistemas de drenagem em escoamentos comuns, o que tem trazido alguns dissabores aos proprietários e aos seus vizinhos aquando da ocorrência de muita precipitação.

Em seu entender, o que seria importante em termos de investimentos e olhar estratégico para o desenvolvimento futuro do sector agroalimentar da região da ADIVAT?

O sector agroalimentar da região em particular, e nacional, em geral, sofre de uma erosão continuada dos preços ao produtor, muito provocada pelo desequilíbrio negocial



3. DA DIR. PARA A ESQ.: LEADRO MACEDO, PRESIDENTE DA DIREÇÃO E HÉLDER RESENDE, VICE-PRESIDENTE

PORTUGAL CONTINENTAL



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES



SAIBA MAIS SOBRE
A ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO
INTEGRADO DO VALE DO TÁVORA



4. ASSISTÊNCIA TÉCNICA DA ADIVAT NAS EXPLORAÇÕES DOS ASSOCIADOS

com as grandes cadeias de distribuição, que dominam o acesso ao consumidor. Esta posição dominante em contraponto com a grande dificuldade de associação dos produtores na atividade produtiva, por via dos custos e por via dos preços, são uma receita já experimentada para o abandono da agricultura tradicional.

E este é um paradigma que teremos de endereçar o mais rapidamente possível. Ou equilibramos a balança e continuamos a ter uma agricultura equilibradora da demografia e do desenvolvimento do mundo rural, ou informamos os agricultores que o caminho é outro e deixamos ao abandono, com todas as suas consequências, mais de 80% do que é Portugal.

Impressiona-me e desilude-me a “gestão do declínio”, porque não considero justa nem razoável para o desenvolvimento do país. A agricultura não pede dinheiro, pede mecanismos que a proteja dos desequilíbrios existentes, que perigam a sua continuidade e, consequentemente, o futuro de uma parte do país que tanto tem contribuído para o seu desenvolvimento.

Assumiu recentemente a Presidência da Direção da ADIVAT. Quais são as grandes prioridades e objetivos futuros?

Estou na Direção da ADIVAT desde 3 de junho de 2011 e no início deste ano assumi a presidência, com uma perspetiva de continuidade do que de bem fomos fazendo ao longo destes últimos anos, quer quanto à sustentabilidade da associação e diversificação das suas receitas, assim

como no melhoramento e diversificação da oferta de serviços.

Como estamos em pleno processo de alteração da sede da ADIVAT, temos como objetivo de curto prazo adquirir e equipar a sede da associação que permita a escalada da qualidade e quantidade dos serviços a proporcionar aos nossos associados.

Como objetivo de médio prazo, pretendemos aumentar a presença e qualidade dos serviços prestados aos agricultores nos concelhos onde já atuamos.

Como objetivo de longo prazo, temos a ambição de alargar a nossa área de influência a mais concelhos da nossa região, onde notamos uma oferta insuficiente e, como tal, uma oportunidade de crescimento da ADIVAT e correspondente impacto na atividade agrícola regional.

Transversalmente e fruto da capacidade dos nossos técnicos, estamos a todo o tempo a colocar em prática novas valências ao serviço dos nossos associados.

Estamos a atravessar um contexto de pandemia em que o sector agroalimentar teve e terá um importante papel a desempenhar. Como avalia o papel desempenhado pelo sector desde o início desta crise pandémica?

O sector agroalimentar demonstra ser muito

Qualitativa de Vinho do Porto, a destilação de crise majorada para a viticultura de montanha e o apoio à armazenagem.

No entanto, o decorrer do ano passado e o início deste ano demonstraram que o aparente bom desempenho do sector esconde desequilíbrios na distribuição da crise, pois o seu impacto nos operadores que comercializam o vinho prende-se com vários fatores entre os quais: os mercados onde se opera (o nacional com quebras significativas e os internacionais muito diferentes entre si); os canais de distribuição utilizados (o canal HoReCa é insignificante e a grande distribuição cresce, mas com produtos com menos valor acrescentado). Portanto, estas medidas devem continuar este ano, mas o sector está a pensar noutras com especial acuidade, dada a discrepância na dimensão da crise para cada um dos operadores.

O sector agroalimentar tem assumido um papel crescente na economia nacional. Que importância e papel deverá desempenhar esta atividade em termos sociais e económicos a nível nacional? Acha que essa importância é devidamente reconhecida?

Nas últimas duas décadas temos assistido a uma alteração do paradigma de uma agri-



5. TÉCNICA DA ADIVAT, ANA SÁ, PREMIADA EM ENCONTRO DE TÉCNICOS DA CONFAGRI

resiliente e o aumento das suas exportações, neste período de pandemia e globalmente falando, são prova disso.

Dando nota do sector vitivinícola da Região Demarcada do Douro (RDD), que é a que conheço melhor, esta decresceu menos que o esperado (6,1% em quantidade e 9,5% em valor, com os preços a decrescerem 3,6%). O que verificamos é que os viticultores da RDD conseguiram manter os preços, fruto das medidas defendidas pela Produção e secundadas pelo Comércio, que permitiram a manutenção dos rendimentos, com uma ligeira quebra atribuível a uma vindima mais pequena. Estas medidas foram: a Reserva



6. TÉCNICA DA ADIVAT, SALOMÉ CARVALHO, PREMIADA EM ENCONTRO DE TÉCNICOS DA CONFAGRI

cultura de subsistência para uma agricultura moderna, com recurso a tecnologia de ponta e uma gestão profissional e especializada. Se a esta capacidade, aliarmos uma aposta clara por parte dos decisores nacionais, em dar à agricultura o apoio que outros sectores têm recebido, estou em crer que a agricultura será um pilar importante da economia portuguesa e um motor de criação de riqueza, principalmente nos territórios de baixa densidade.

Penso que a sociedade rural tem consciência desta realidade e a sociedade urbana começa a despertar e começa a considerar a importância deste sector da economia



7. AÇÃO DE FORMAÇÃO REALIZADA PELA ADIVAT COM O TÉCNICO PAULO RIBEIRO

nacional como estratégico, em primeiro lugar para a riqueza e sustentabilidade da nossa economia, mas principalmente terá de ser considerada como fator decisivo na supressão das assimetrias territoriais e na promoção do desenvolvimento e bem-estar das populações rurais, que tão abandonadas têm sido.

Ainda temos bastantes obstáculos a ultrapassar e refiro um que é um paradoxo numa economia que está a ser afetada pelo aumento do desemprego e que é a gritante falta de mão de obra necessária para as atividades agrícolas decorrerem normalmente e sem atrasos, algo terá de ser feito. Se há oferta de emprego, teremos que perceber e enfrentar as razões para o bloqueio no lado da procura.

Em relação à aplicação da PAC em Portugal, qual deveria ser o caminho a seguir quer no período de transição, quer na definição do novo PEPAC?

O novo PEPAC assenta em vários pilares, tendo eu particular interesse em debruçar-me sobre três deles: o agro-ambiental, o sócio-territorial e o económico.

1. Quanto ao agro-ambiental, existe uma



8. AÇÃO DE FORMAÇÃO REALIZADA PELA ADIVAT COM O TÉCNICO MÁRIO MONTEIRO

crescente aposta na produção biológica, que faz todo o sentido, mas acarreta a preparação do sector, nomeadamente com a necessidade de maior mecanização ou mão de obra. Como temos um sector ainda muito tradicional e em que muitas atividades já são por si de produção biológica (lembro a produção de castanha em soutos tradicionais e a olivicultura tradicional), deverá haver uma avaliação do impacto ambiental das práticas já existentes, por comparação às que estão em introdução, pois algum fundamentalismo ou voluntarismo podem enviar análises ou colocar em risco operadores e sectores que necessitarão de muito apoio para fazer face à migração necessária para a produção biológica.

2. Quanto ao pilar socio-territorial, a baixa rentabilidade das pequenas explorações e a escassez da mão de obra são problemas estruturais da nossa agricultura, que interessa enfrentar.

a. Quanto à baixa rentabilidade das pequenas explorações, dou o exemplo da olivicultura em olivais tradicionais que é praticada no Douro e em Trás-os-Montes. Se não houver capacidade de diferenciar o produto final, conseguindo um incremento de preço compatível com os mais elevados custos de produção, a rentabilidade e o futuro desta atividade será colocada em causa, em contraponto à produção dos olivais superintensivos que são dominantes no sul do país.

b. A falta de mão de obra na agricultura é um paradoxo. Embora tenhamos uma alta taxa de desemprego e a maioria da força de trabalho não seja especializada, o certo é que o manejo da terra é difícil, exige esforço pela reduzida mecanização e pelo estigma social que ainda permanece sobre quem se dedica a ela, o que, a par de apoios sociais não fiscalizados, assim como dos baixos salários praticados provoca a falta de atratividade desta atividade para os potenciais candidatos. Considero que, à semelhança do que se pratica noutros países, a aplicação de pacotes fiscais a determinadas atividades profissionais poderia contribuir para um aumento do rendimento disponível a quem se dedica à agricultura e, conseqüentemente, ao incremento da sua atratividade, minorando esta carência que tantas dificuldades traz ao sector.

3. No que respeita ao pilar económico, penso que o enfoque deverá ser dado a duas situações muito concretas:

a. O conceito de *fair trade*, com base em regras de negociação, principalmente

perante a grande distribuição, em que os produtores têm muita dificuldade em fazer valer os seus argumentos com base numa posição negocial desequilibrada, assim como a sensibilização dos consumidores para esta causa, tentando que a opção de compra se baseie mais em conceitos de qualidade, sustentabilidade e equidade, do que no baixo preço.

b. Outra questão é a economia verde e o que o sector agrícola contribui para reduzir o impacto ambiental do ser humano, normalmente traduzido pela emissão ou aprisionamento de carbono, cujo resultado deve ser penalizador para as atividades que o produzem e compensador para as que o aprisionam, o que acontece com a grande maioria da nossa atividade agrícola.

Como avalia a relação da ADIVAT com a CONFAGRI?

Uma relação excelente, de grande proximidade e acompanhamento. De disponibilização de conhecimento ao serviço das suas confederadas e dos seus agricultores. Aproveito ainda a oportunidade para evocar a memória da Eng.^a Maria Antónia Figueiredo, personalidade incontornável da CONFAGRI, que muito fez pela ADIVAT e pelos seus associados. O seu legado permanecerá presente enquanto estas duas entidades parceiras existirem e servirem as suas causas.

Que mensagem gostaria de deixar a todos os associados e população de uma maneira geral?

Gostaria de lhes deixar uma palavra de esperança e incentivo, nestes tempos incertos por que passamos. Conscientes de que ainda vamos ter que ultrapassar algumas dificuldades, quero deixar registado aos nossos associados, que a ADIVAT e os seus técnicos estão e estarão atentos e ao dispor de todo e qualquer associado para atender às suas necessidades, anseios e projetos. Temos todo o gosto em pôr em prática o nosso conhecimento e a nossa rede de apoio, da qual a CONFAGRI faz parte, para minimizar o impacto desta pandemia nas suas atividades e projetar o futuro de forma coesa e sustentável, pois o horizonte é largo e está ao nosso alcance. À população, de uma forma geral, quero deixar o apelo normal nestes tempos, que é: protejam-se, protejam, tenham confiança no futuro e prefiram produtos da agricultura portuguesa, pois são garantia de qualidade, de sustentabilidade e de apoio ao nosso país, às nossas famílias. ●